

NÃO ACREDITO!

Ana releu a frase que acabara de ler, perplexa. Não podia ser. Devia ter-se enganado. O melhor era ler outra vez. Não, não se enganara. Era exatamente o que lera, tanto da primeira como da segunda vez. Como era possível?

Um pouco nervosa, pôs-se a brincar com um dos seus longos caracóis castanho-claros entre os dedos.

«Se calhar enganaram-se a escrever, só pode ser», pensou, considerando outra possibilidade. A ideia era tão estapafúrdia que só podia estar incorreta. Mas a mesma informação aparecia um pouco mais à frente no texto e estava escrita de forma idêntica. Aparentemente, não havia engano algum. Parecia tratar-se de um facto, o que faltava era uma explicação para o justificar.

«Mas porquê?!», pensou, agora indignada. «Porquê?» Impaciente, expeliu o ar pelo nariz e mexeu-se no assento. Ali, onde se encontrava, não tinha meio de procurar outras fontes que pudesse utilizar para verificar a razão daquele disparate.

Olhou para os pais, sentados do outro lado do corredor a ler um livro. Haveria fonte melhor do que um embaixador

e uma embaixatriz, cultos e bem informados sobre o que se passava constantemente no mundo? Poderia perguntar-lhes, era certo, mas não ali, no meio daquela gente toda. Se aquilo fosse realmente verdade, seria muito complicado justificá-lo diplomaticamente. Ana imaginava que o pai, sempre discreto e reservado, não ficaria muito satisfeito vendo-se obrigado a abordar o assunto com tantos ouvidos à escuta. Sobretudo os ouvidos *daquela* audiência. Seria como enfiar um pau dentro de um vespeiro.

A jovem fitou então a irmã e o primo, sentados à sua esquerda, mas sabia que eles também não podiam ajudá-la. Poderia jurar que não sabiam nada sobre a questão, senão já lho teriam mencionado com o mesmo choque e indignação que ela sentia naquele momento. Desiludida, não teve outra opção senão esperar pela primeira oportunidade de esclarecer o assunto.

Sentado junto à janela e alheio às preocupações da prima mais nova, André estava concentrado na vista espetacular das ilhas Desertas, à sua esquerda. Tinham um aspeto tão selvagem e agreste que sentia uma vontade enorme de as explorar palmo a palmo, se pudesse saltar do avião e voar até lá naquele instante. Foi, por isso, o último a aperceber-se da turbulência iminente.

As ilhas, de origem vulcânica, estavam inabitadas. Aliás, desde 1420, ano da sua descoberta, todas as tentativas de as habitar tinham sido infrutíferas. A única exceção era o Corpo de Vigilantes da Natureza, a viver permanentemente na casita amarela que ele vislumbrava ao longe.

O sinal de apertar cintos, em preparação para a aterragem, já estava aceso há quase 20 minutos. André continuava absorto,

imaginando a vida aventureira, ainda que solitária, dos guardas da reserva natural, e os seus encontros com os lobos-marinhos, cuja população começava a aumentar.

De repente, o comandante anunciou que iria haver turbulência e o rapaz fixou a atenção na chefe de cabine que acabava de se sentar e apertar o cinto. Só então se lembrou do que Maria lhe contara ao embarcarem.

Pelo canto do olho, observou-a, sentada a seu lado. Meio preocupado, meio divertido, reparou que a prima estava muito tensa. Tinha a cabeça colada ao encosto, as sobrancelhas enrugadas e o corpo hirto, e mordida os lábios nervosamente, enquanto se agarrava aos braços da poltrona como se estivesse prestes a cair.

– Então, Maria? Parece que vais andar de montanha-russa – disse-lhe ele, sorridente.

Ela nem sequer lhe respondeu, limitando-se a olhá-lo brevemente pelo canto do olho.

A jovem contara-lhe que, ao saber da sua viagem, um amigo tinha feito o favor de lhe fornecer mais informações sobre o voo do que seria necessário. Começara por lhe dizer que a pista 05/23 do aeroporto Cristiano Ronaldo estava situada na base de uma elevada encosta vulcânica e fora construída parcialmente sobre o oceano. A obra de engenharia era tão extraordinária que chegara a ser reconhecida a nível mundial.

Mas depois, com ar apreensivo, dissera-lhe que a pista era considerada uma das mais perigosas do mundo em termos de aterragem, por causa dos ventos fortes que por vezes se faziam sentir, com rápidas variações de direção e/ou velocidade ao longo do seu comprimento.

Informara-a, num tom preocupado, que só um número reduzido de pilotos com treino especial tinha autorização para o fazer. Eram inúmeras as notícias de aviões que, não conseguindo aterrar na ilha à primeira nem à segunda tentativa, tinham acabado por regressar ao aeroporto de Lisboa, lamentando as rajadas de mais de 100 km/h no momento da aterragem e ventos médios superiores a 42 km/h.

Além de inconveniente, o rapaz tinha sido sobretudo insensato, porque se conhecesse Maria minimamente, saberia que a jovem era demasiado impressionável para lidar de forma tranquila com semelhantes informações. O que levou André a pensar que o tal amigo talvez não fosse assim tão amigo. Se o fosse realmente, teria feito como ele, que evitara revelar à prima a existência da tarântula da Madeira, a maior aranha-lobo do mundo e uma espécie muito venenosa. Sabia que, se o tivesse feito, Maria tê-los-ia obrigado a mudar de planos e provavelmente nenhum deles estaria ali naquele momento.

Pouco importava que o aracnídeo, o maior da Europa e podendo chegar aos 12 cm de comprimento, se lhe espalmassem as pernas, estivesse listado como «criticamente ameaçado». Ou que só existisse num pequeno vale no extremo norte da Grande Deserta, da qual o avião se distanciava cada vez mais. Não, não valia a pena arriscar. Era melhor que a prima nunca ouvisse falar no bicharoco. Já bastara a experiência do Egito¹, que Maria quase impedira devido a um ataque de aracnofobia.

¹ Ver *O Segredo do Mapa Egípcio*, no qual Maria, convencida de que no Egito existiam aranhas terríveis, implorou aos pais que mudassem de ideias e não aceitassem o novo destacamento do embaixador, o que teria impossibilitado a primeira excitante aventura d'Os Primos neste incrível país e tudo o que desta resultou. (N. da A.)

O rapaz fora insensato, sem dúvida, mas a turbulência repentina mostrou a André que ele não se enganara. A julgar pelos safanões que sentiram ao aproximarem-se da pista, aquela não seria uma aterragem fácil.

O avião ora se inclinava para a esquerda ora para a direita, com evidente dificuldade em manter uma direção reta. Além disso, o vento ascendente era tal que parecia não o deixar descer, mantendo-o aparentemente no mesmo sítio. Dir-se-ia que planava, quando na verdade o motor fazia um esforço enorme para lutar contra a força invisível do vento.



Os gritos estridentes de um bebé ouviram-se por toda a cabine. André ouviu Maria conter a respiração várias vezes. As suas mãos apertavam os braços do assento com tanta força que já estavam esbranquiçadas por falta de circulação sanguínea.

Finalmente aproximaram-se do solo, mas ainda não se encontravam alinhados de forma perfeita com o tracejado

branco que dividia a pista ao meio. De repente, quando já adivinhavam o trem de aterragem a tocar no alcatrão, sentiram em vez disso uma aceleração inesperada. O comandante desistira da aterragem e o nariz do avião voltava a apontar em direção aos céus.

Maria deixou escapar um gemido e apertou o braço do primo com uma força exagerada. O nervosismo dos passageiros ouvia-se nos ais e nos uis dispersos aqui e ali pelas filas da cabine. A respiração profunda ora revelava desapontamento ora alívio temporário.

Foram precisos vários minutos, que a todos pareceram intermináveis, para que o avião tentasse nova aterragem. Depois de efetuar a forçosa volta completa, posicionou-se mais uma vez frente à pista. O vento, porém, continuava a soprar com fortes rajadas, inabalável e soberano.

Na cabine de pilotagem, o comandante teve de se concentrar ao máximo para manter a estabilidade exigida. Os passageiros, por seu lado, focaram de novo a atenção no tão esperado som das rodas a tocar no solo, uns de olhos abertos, outros de olhos fechados. Os gritos do bebé cessaram. O silêncio era tal que todos pareciam ter contido a respiração ao mesmo tempo.

Aqueles momentos finais já a todos começavam a afigurar-se mais longos do que a duração do voo desde a descolagem até então. O barulho do motor soava agora mais alto que nunca. A expectativa era imensa. Alguns começavam já a perder a esperança e a prever que teriam de regressar a Lisboa antes de conseguirem pôr os pés na Madeira.

Muitos sentiam o estômago às voltas, sem tréguas entre os momentos em que o avião planava e as repentinas perdas de

altitude. As mudanças de inclinação agora já não eram somente para a esquerda e para a direita, mas também para a frente e para trás.

De repente, ouviu-se um som estático vindo da cabine de pilotagem, como se o comandante se preparasse para fazer um anúncio. Alguns passageiros ergueram o queixo, à espera de notícias, mas em vão. Estavam tão próximos do solo... Iria a viagem, finalmente, terminar?

As dúvidas mantiveram-se durante mais uns momentos, até que, acabando por ganhar a batalha contra o vento, a aeronave tocou a pista na posição correta e aterrou em segurança. Os suspiros de alívio foram evidentes.

Só quando o avião se imobilizou finalmente no seu lugar de estacionamento, André se apercebeu de que Ana estava mais lívida do que Maria. O caso era de estranhar, pois a rapariga, embora dois anos mais nova, estava longe de se impressionar como a irmã.

— Estás bem? — perguntou-lhe, colocando a mão no seu braço esquerdo, passando por cima de Maria.

Ana acenou com a cabeça, com um sorrisinho débil, mas não respondeu.

— Estava a ver que isto nunca mais acabava! — exclamou a irmã, aliviada, alisando os cabelos castanhos e compridos com ambas as mãos.

Com um longo suspiro, olhou para a luz de apertar os cintos à espera que esta se apagasse para poder levantar-se.

— Já está quase — sossegou-a o pai.

Então, apercebendo-se também ele da perturbação no rosto da filha mais nova, perguntou-lhe:

— Ana, está tudo bem?

A jovem voltou a acenar com a cabeça, desta vez inclinando-a um pouco na direção dos embaixadores, e sorriu-lhes para os tranquilizar.

André franziu o sobrolho, admirado. A prima estava visivelmente apreensiva, mas a turbulência não podia ter nada a ver com isso. Ana não se perturbava por motivos do género. A razão que a impressionara daquela forma era outra e ele queria saber que razão era essa.

Reparou no telemóvel que ela utilizara para ler durante quase todo o voo e que mantinha ainda entre as mãos apoiadas no colo. O ecrã estava desligado. Teria lido algo que a agitara?

O sinal de apertar os cintos apagou-se finalmente. Aliviada, Maria levantou-se de um pulo e voltou-se para trás. André teve a impressão de a ver sorrir para alguém. Curioso, ergueu-se e seguiu-lhe o olhar. Um jovem com ar de surfista, de olhos grandes, cabelos ondulados até à nuca e alourados pelo sol, devolveu o sorriso à prima e acenou-lhe com a mão, como se a conhecesse.

— É meu colega na escola... — justificou-se ela, muito depressa, corando ligeiramente quando o primo a fitou com ar divertido.

— A-hã... — respondeu ele, sem acreditar nela. — Na escola... em Londres?

A pergunta era de esperar, visto que Ana e Maria viviam com a família na capital britânica, onde frequentavam a escola e onde o embaixador Torres prosseguia o seu destacamento diplomático.

— Não — atalhou ela, defendendo-se com altivez e preparando-se para dar uma novidade ao rapaz: — na escola de *surf* de verão.

– A sério?! – exclamou ele, impressionado e trocando com ela um *high five*. – Boa! Estás a gostar?

– Só ainda fui três dias, mas é um espetáculo! – disse ela, voltando a olhar para o surfista.

O rapaz sorriu-lhe de novo e depois apontou para a própria testa com o indicador, tocando nesta três vezes e encolhendo os ombros como se estivesse a perguntar-lhe algo.

– Ah, claro... Quer saber se és maluquinha, não é? – troçou André, com uma gargalhada, interpretando mal o gesto do rapaz. – Às vezes também me pergunto a mesma coisa.

Maria deu-lhe um safanão, na brincadeira, e depois respondeu ao amigo sorrindo-lhe e erguendo o polegar, num gesto afirmativo. Cobriu então a têmpora esquerda com uma grossa madeixa de cabelos lisos, de forma a disfarçar o galo que ainda não lhe desaparecera por completo da testa.

Maria recordou o incidente, cerrando os dentes, e foi como se sentisse de novo a dor da pancada que lhe provocara aquele alto na cabeça dias antes.

* * *

Desde logo ficara muito entusiasmada com a ideia de frequentar a escola de *surf*. O desporto em si sempre lhe parecera divertido, até porque nenhuma atividade que tivesse lugar na praia jamais poderia revelar-se enfadonha. Além disso, esperara não ter grandes dificuldades em adaptar-se. As aulas de dança moderna que frequentava em Londres mantinham-na preparada para o esforço físico. Com certeza, bastaria manter-se em equilíbrio numa prancha e deixar-se conduzir pelas vagas de rebenção para fazer boa figura. Não haveria de ser assim tão difícil.

O primeiro dia tinha corrido muito bem, e Maria estivera longe de imaginar que na manhã seguinte haveria de acordar com dores no corpo todo, sobretudo em músculos que nem sabia possuir. A parte da atividade desportiva tinha sido interessante, mas o que mais a estimulara tinham sido os companheiros. Alguns deles já tinham bastante experiência e muitos eram amigos de longa data, frequentando desde pequeninos a praia Grande do Guincho, onde a maior parte das lições tinha lugar. Para eles, a escola de *surf* servia sobretudo para estarem juntos durante o verão e para ajudarem os treinadores a seguirem os novos alunos.

Francisco era um destes ajudantes e mostrara-se muito prestável com Maria logo desde o início. Tinha 16 anos, era um dos melhores surfistas do grupo e filho de uma das estrelas locais. Dizia-se que o pai o levava consigo para a praia desde os cinco anos de idade, colocando-o na sua prancha e ensinando-lhe os truques necessários para brilhar entre as ondas. Todos o conheciam e cumprimentavam, e poucas raparigas no Guincho podiam declarar-se imunes à sua simpatia. Até porque, além de simpático, era também bastante atraente. Tinha olhos grandes, esverdeados e pestanudos, que funcionavam como dois ímanes difíceis de evitar. O corpo era atlético e o rapaz mostrava-se sempre cheio de energia, além de que possuía uma paciência inesgotável e um sorriso meigo e cativante.

Fora ele quem ensinara Maria a colocar os pés em cima da prancha na posição correta, ainda na areia, antes de entrar na água. Depois, já entre as ondas, ajudara-a a manter o equilíbrio quando se levantava, seguindo-a de perto. Ajudava-a sempre que a via em dificuldade e desde logo lhe garantira

que podia contar com ele em qualquer momento, bastava chamá-lo.

Francisco fora a primeira pessoa com quem Maria falara na primeira manhã. O rapaz chegara antes de todos os outros, pois era o que vivia mais perto da praia. Para ele e para os amigos mais castiços, a temporada de *surf* durava o ano inteiro, fizesse frio ou calor. Só os avisos meteorológicos e as rajadas de vento, por vezes tão exageradas que transportavam a areia das dunas para a estrada adjacente, os impediam de se fazerem às ondas quase todos os dias.

Maria obtivera o fato de *surf* mais espesso que conseguira encontrar, mas ainda assim receara não aguentar a água fria do oceano durante muito tempo. Não se enganara, ao fim de dez minutos já tiritava e batia os dentes, mas decidira fazer-se forte e não se queixara. Não queria ser a única a desistir logo no primeiro dia. Além disso, competir com as outras surfistas pela atenção de Francisco era motivação suficiente para se dedicar com afinco.

No terceiro dia, sentira-se tão cansada que só pensava em carregar num botão imaginário para interromper a constância infinita das ondas e poder repousar um bocadinho. Nem que fosse apenas durante uns minutos. Quis permanecer deitada na prancha por momentos, mas Francisco estava a observá-la, por isso decidiu levantar-se assim que a onda seguinte chegasse.

Continuava a sonhar com o tal botão mágico, desejando agora que fosse também capaz de transformar o oceano gelado em água quentinha. Aquela abstração toda impediu-a de tomar atenção ao que estava a fazer, por isso só se apercebeu do tamanho real da onda quando esta já estava prestes a cair-lhe em

cima. Apanhada desprevenida, ainda conseguiu levantar-se, mas logo se desequilibrou. A queda fê-la mergulhar de costas, mas não sem antes levar com a prancha na testa, quando esta disparou para o céu como um foguete.



A pancada fê-la perder a noção do espaço por uns instantes, durante os quais as ondas a obrigaram a rebolar debaixo de água com a tábua agarrada ao tornozelo. Quando veio à superfície e se deitou de novo na prancha, passou a mão pela testa e notou de imediato o galo que começava a formar-se, mas disfarçou assim que Francisco se aproximou dela para saber se estava bem.

O rapaz mostrou-se tão atencioso que, por momentos, Maria esqueceu a dor. Notando o alto cada vez mais proeminente na testa dela, foi ele quem lhe disse para descansar um pouco em terra firme, acompanhando-a e fazendo-a sentar-se na areia, enquanto ia ao bar buscar um saco de gelo.

Assim que ele se afastou, Maria viu passar duas surfistas que a observaram com ar trocista. As duas trocaram risinhos entre si, ofereceram-lhe uns *Oh, que aborrecido!* muito fingidos, e correram para o rapaz. Então, abraçaram-no pela cintura, uma de cada lado, e seguiram-no até ao bar. Maria já as tinha visto no dia anterior, percorrendo o areal de um lado ao outro, com os seus longos cabelos loiros demasiado perfeitos, máscara de pestanas à prova de água, biquínis de última tendência, as pranchas mais caras de toda a praia enfiadas debaixo do braço e parecendo trocar segredinhos sobre as pessoas com quem se cruzavam. Os companheiros da escola de *surf* já as conheciam. Eram alemãs, filhas de pais riquíssimos, e viviam em Portugal há vários anos. Chamavam-se Mareika e Zelda e, embora raramente largassem as pranchas, nunca ninguém as tinha visto entrar na água com elas.

Sem paciência para dar importância às duas, Maria fechou os olhos e concentrou-se em absorver os raios de sol durante uns minutos. Passara tanto tempo dentro da água que o calor ainda não penetrara no fato de *surf* o suficiente para lhe aquecer o corpo. Quando Francisco regressou com o gelo, a ideia de o colocar na testa fê-la estremecer.

— Toma — disse ele, enrolando-a na sua toalha de praia e abraçando-a, enquanto lhe friccionava os braços e as costas para a aquecer.

Maria não percebeu se o calor que a envolveu em menos de um minuto se deveu ao sol, à fricção que Francisco continuava a aplicar no seu corpo, ou à proximidade do rapaz. Mas de repente sentiu as bochechas corar como se tivesse acabado de apanhar um escaldão.

Mareika e Zelda voltaram a passar por ela nesse preciso momento, mas desta vez o ar trocista das falsas surfistas tinha

sido substituído por clara inveja. Maria sorriu-lhes, divertida, fingindo não reparar na fúria de ambas, enquanto aproveitava o abraço do rapaz mais giro e simpático de toda a praia.

No final do dia, quando se preparava para ir ter com a mãe ao parque de estacionamento, as duas aproximaram-se dela e perguntaram-lhe como estava. Maria estranhou a preocupação, mas depressa percebeu que a sua resposta não lhes interessava, pois assim que abriu a boca, Zelda interrompeu-a. Com uma pronúncia marcadamente alemã, disse-lhe que Francisco não regressaria às lições de *surf* durante toda a semana seguinte e depois fitou-a com curiosidade, como se estivesse à espera da sua reação.

Maria não compreendeu o porquê do comentário. Estariam as duas a tentar dizer-lhe que desistisse de Francisco, pois ele não estava interessado nela? Quereriam fazer-lhe notar que, apesar da atenção dispensada naqueles três dias, ele não tinha problemas em afastar-se da escola de *surf* durante uma semana, deixando-a sem o apoio que garantira dar-lhe?

— O *surf* não é para toda a gente... — acrescentara Mareika, apontando para o galo na cabeça de Maria. — Já experimentaste voleibol de praia?

Então era isso. Queriam que ela desistisse.

Apesar da curiosidade em saber o motivo da ausência de Francisco, Maria conteve-se e nada lhes perguntou. Ainda pensou em dizer-lhes que também ela estaria fora durante uma semana, mas depois mudou de ideias, pegou na mochila e afastou-se com um breve aceno. Não seria um pequeno galo na testa que a faria desistir, nem tão-pouco a mesquinhez das duas. Elas que se divertissem a fazer passagens de modelos com as pranchas para um lado e para o outro na praia. Voltariam a encontrar-se dentro de uma semana.

Ao chegar ao parque de estacionamento, Maria passara a mão pela testa, comprovando que o galo era bastante evidente. Pouco importava. Também não era nada que uma das suas bonitas madeixas de cabelo não conseguisse disfarçar. Além disso, era uma história que ela e Francisco tinham em comum, perfeita para quebrar o gelo e servir de tema de conversa quando voltassem a encontrar-se.

Nunca imaginara, contudo, que tal acontecesse tão cedo. Mas agora ali estava ele, dentro do mesmo avião, a sorrir-lhe com a simpatia de sempre, prestes a desembarcar na mesma ilha e, quem sabe, com o mesmo objetivo que ela e a maior parte dos passageiros tinham. E longe de Zelda e Mareika.

* * *

— Eu sabia que ele não ia à escola de *surf* esta semana — disse ela ao primo, falando mais para si própria do que para ele, enquanto observava Francisco umas filas mais atrás. — Mas não fazia ideia de que também vinha para a Madeira.

O avião estava cheio, mas a maior parte dos passageiros tinha viajado até à ilha em trabalho, apesar de ser época alta. Hugo e Sara Torres eram uma exceção. Desta vez, ao contrário do que normalmente acontecia, Ana, Maria e André não se encontravam ali para se divertirem a explorar os arredores, aproveitando a viagem de trabalho dos embaixadores para passar férias. Desta vez, eram eles que tinham uma missão importante a cumprir, enquanto Hugo e Sara passavam uns dias de férias na ilha.

A Madeira seria o palco de um dos acontecimentos mais falados nas redes sociais dos últimos tempos, sobretudo entre

os jovens, e dizia respeito aos direitos das crianças. Uma recente corporação internacional, que se posicionava como grande defensora dos jovens, tinha conseguido mobilizar a opinião pública mundial em poucos meses. Defendia que já tinham passado mais de 30 anos desde a Convenção sobre os Direitos da Criança, o instrumento mais importante relativo aos direitos humanos dos mais novos, e era preciso modificá-la para a adequar ao mundo atual. Segundo a ProChildCorp, era necessário reunir os representantes de todos os países do mundo o mais depressa possível para discutir um assunto importantíssimo: até que idade deveria uma pessoa ser considerada criança?

Os debates não se tinham feito esperar e a Internet estava a transbordar de opiniões de todo o tipo. O grande argumento da ProChildCorp era que a maturidade física e intelectual de uma criança há 30 anos não correspondia à de uma criança da mesma idade nos dias de hoje. Defendiam, por isso, que era necessário reduzir o limite do que se considerava *criança* de 18 para 16 anos. Isto porque, sendo menores, as crianças não tinham o poder ou o direito de tomar decisões sobre si próprias, estando dependentes dos adultos até demasiado tarde e perdendo também a oportunidade de participar em decisões importantes da sociedade durante grande parte das suas vidas. Esta situação, argumentavam, não era aceitável no século XXI e deveria ser alterada com urgência.

A discórdia da população adulta era evidente, mas a julgar pelos comentários que circulavam *online*, a grande maioria dos jovens estava de acordo com a alteração proposta. E assim, aproveitando a facilidade com que todas as opiniões viajavam em tempo real de um lado ao outro do mundo, se conseguira organizar aquela convenção em tempo recorde. Desta vez,

porém, os jovens participavam das negociações na primeira linha, estando presentes em números idênticos aos dos adultos. Eram estes, em última análise, que detinham o poder decisório, mas os jovens estavam apostados em tomar parte em todas as palestras, esperando assim convencê-los da sua posição.

Os primos tinham tentado saber a opinião dos embaixadores sobre o assunto, mas os pais de Ana e Maria possuíam experiência em diplomacia suficiente para evitarem semelhantes confrontos em família. Precavendo-se contra um debate que muito provavelmente os colocaria no lado oposto ao dos jovens, tinham preferido esquivar-se ao mesmo. Seria melhor que os três formassem a sua própria opinião sem a influência deles, de forma a poderem expressá-la livremente durante a conferência.

— E o mesmo deveriam fazer todos os jovens presentes — notara o embaixador, compreensivo, mas enfático.

A verdade é que as aulas tinham acabado há poucos dias, e isto significava que a maior parte dos jovens ainda não tinha tido tempo de descansar após os testes e exames finais. Ana, Maria e André, por exemplo, ainda não tinham tido tempo ou cabeça para se informarem bem sobre a questão. Como tantos outros, ao terem conhecimento dos convites que a ProChild-Corp enviara para as suas escolas, meses antes, tinham decidido de imediato inscrever-se como voluntários para participarem nas negociações. Porém, só há poucos dias tinham sido informados de que o poderiam fazer.

A descoberta tardia, contudo, não os preocupou. Afinal de contas, tudo girava em torno da alteração de apenas um artigo, o primeiro da Convenção sobre os Direitos da Criança, que definia a idade das mesmas. Os primos não imaginavam

que fosse necessário muito tempo para se atualizarem sobre o tema e tomarem uma posição. Não era preciso aprenderem de cor os 54 artigos da Convenção.

No avião encontravam-se outros jovens com o mesmo objetivo e a maior parte tinha viajado sem os pais. Alguns vinham em grupos, acompanhados por um ou dois adultos e, a julgar pela diversidade, oriundos de todos os cantos do mundo.

André olhou à sua volta, enquanto os passageiros recolhiam os haveres dos compartimentos por cima das suas cabeças e começavam lentamente a sair do avião. Depressa reconheceu os rostos de dois ou três jovens mais carismáticos que apareciam com frequência em vídeos na Internet a defender as suas opiniões sobre a proposta.

Não que ele tivesse tido tempo para os ouvir, mas os *feeds* com as suas caras viajavam por todas as redes sociais, com conteúdos atualizados frequentemente. Mesmo quem não prestasse muita atenção ao assunto, mais cedo ou mais tarde haveria de se cruzar com eles virtualmente.

Era óbvio que André não fora o único a identificá-los, pois os sinais de reconhecimento chegavam a estes jovens vindos de todo o avião. Acenos, polegares erguidos e, das filas mais próximas, *fist bumps* e *high fives*, mostrando entusiasmo e aprovação.

Uma destas personagens era uma rapariga muito alegre e cheia de energia, que vestia cores vibrantes e ainda não tinha parado de falar desde que André se levantara do assento.

André sorriu-lhe quando a jovem cruzou o olhar com ele e se demorou a fitá-lo enquanto respondia a uma pergunta que alguém acabara de lhe fazer. A atenção inesperada fê-lo observá-la melhor. Tinha um sorriso magnético, sobrancelhas incrivelmente expressivas e cabelos ruivos, presos em dois totós

redondos no topo da cabeça. Era muito atraente e cativava a simpatia dos outros com facilidade. André não compreendia por que razão a rapariga ainda não desviara o olhar dele, e tão-pouco percebia se ela o fitava com interesse, mera curiosidade ou algo que ele ainda não conseguira identificar. Por via das dúvidas, passou a mão pelos cabelos ruivos, não fosse a prima mais velha ter-lhe colado na cabeça algum talão autocolante de bagagem sem ele ter reparado. Era uma partida mais típica dele do que dela, mas vá-se lá saber.

Não, não tinha nada colado aos cabelos, nem tão-pouco às costas, que verificou em seguida. Notou, porém, a bisbilhote dos jovens mais próximos de Bethany, voltados agora também na sua direção para saberem o que estava a captar a atenção da rapariga.

Sentindo os olhares de toda aquela gente em cima de si, André disfarçou o embaraço virando-se para Maria. Tendo assistido à cena, a prima observava-o com ar de troça.

— Não me digas que é tua colega de escola?! — perguntou ela, trocista.

— Não — atalhou ele, muito depressa. — Nunca a tinha visto antes.

— Disparate! — protestou Maria, rindo. — Duvido que alguém aqui dentro possa dizer isso sobre a Bethany. É uma das influenciadoras digitais mais famosas do momento. E como muito bem sabes, anda na tua escola.

— Não sei, nunca a vi antes — mentiu ele, colocando a mochila ao ombro e preparando-se para sair.

Sim, já a vira muitas vezes na escola. Bethany era americana, tinha 16 anos e vivia em Évora há pouco mais de um ano. Os pais tinham decidido transferir-se com outras duas

famílias amigas para o Alentejo, cansados dos eternos conflitos entre democratas e republicanos nos Estados Unidos e das dificuldades práticas que estes provocavam no país. Seguindo o que muitos americanos já tinham feito, procuravam a serenidade, o clima excelente e a simpatia sem igual que Portugal tinha para oferecer aos estrangeiros. Assim, após três meses em missão de reconhecimento para tratarem de burocracias várias e escolherem a casa apropriada, o grupo regressara à pátria, fechara as suas atividades, despedira-se dos amigos e, por fim, deixara para trás o Novo Mundo, transferindo-se de armas e bagagem para o velho continente.

André sabia bem que Maria tinha razão. Toda a gente conhecia Bethany. Aquela miúda tinha um carisma ao qual era impossível escapar e estava permanentemente rodeada de gente. Os conteúdos que publicava nas redes sociais eram interessantes, muito divertidos e por isso mesmo eficazes. Era uma excelente influenciadora, tinha um número incrível de seguidores, tanto nos Estados Unidos, onde começara a sua presença digital, como em Portugal, onde conseguira que a escola inteira a seguisse em tudo o que fazia, mas também no resto do mundo. André apostava que muitos destes seguidores se encontravam ali, dentro daquele avião. O que ele continuava sem saber era por que razão a rapariga ainda não deixara de o fitar. Na escola, nunca lhe parecera que ela se tivesse sequer cruzado com ele, mas como era dois anos mais velha, também não tinha havido muitas oportunidades.

Maria continuava à espera de resposta, por isso, determinado a mudar rapidamente de assunto, André voltou-se para Ana, que permanecia em silêncio.

— Então, Ana? Estás bem? Parece que viste um fantasma...

– Hã? Eu... – disse ela, olhando à sua volta.

Os passageiros continuavam a sair por ambas as portas e o avião estava prestes a esvaziar-se. Ana estava mortinha por discutir o que a perturbava, especialmente após as últimas informações lidas no artigo. Quando já restavam muito poucas pessoas a bordo, decidiu-se a desabafar com a irmã e o primo.

– Vocês sabem quantos países ratificaram a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada em 1989? – perguntou, como se se preparasse para largar uma bomba.

Enquanto tirava o seu *trolley* do compartimento superior, e percebendo que a prima não estava interessada em ouvir um número, André respondeu com o que lhe parecia ser óbvio:

– Não foram todos?

Os primos seguiam agora pelo corredor da aeronave em direção à porta posterior.

– Não, foram todos *menos um* – informou Ana, voltando-se para trás para os olhar de frente.

Maria quase esbarrou com o *trolley* da irmã. O tom de Ana pressagiava algo de muito importante.

– Adivinhem qual foi – insistiu ela.

– Sei lá... – disse Maria, pensativa, tentando fazer um esforço para mostrar que dava importância ao questionário à queima-roupa. – A Somália?

– A Somália ratificou a Convenção em 2015 e foi o último país a fazê-lo – admitiu Ana, repetindo o que lera. – Mas ainda falta um.

Já quase toda a gente tinha saído do avião. Os primos encontravam-se entre os últimos passageiros a bordo. André e Maria fizeram sinal a Ana para que prosseguisse, pois os

embaixadores já estavam a chamá-los da porta, prontos a descer as escadas.

– Esqueçam, nunca hão de adivinhar – declarou ela, voltando-se para a frente e caminhando novamente pelo corredor.

– Anda lá, Ana! – exclamou o primo, curioso, acelerando o passo. – Não nos vais dizer?

– Claro que vai! – assegurou Maria. – Era o que faltava, fazer este suspense todo e depois não nos dizer mais nada.

Ana deixou passar uns segundos, durante os quais conseguiu aumentar a distância entre ela e os outros. Depois, parando bruscamente, voltou-se de novo para trás e anunciou:

– Foram os Estados Unidos!

Maria quase tropeçou num cinto de segurança caído no chão, de tão surpreendida ficou.

– O quê?! Os Estados Unidos?! – exclamou, perplexa. – Não acredito! Não pode ser!